



Psicoterapia em tempos de pandemia: a transferência em um caso de violência doméstica com criança

Psychotherapy in times of pandemic: transference in a case of domestic violence with a child

Renata Alves de Paula Monteiro¹
Lucas Guarnieri da Cruz²

Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo trazer uma discussão sobre uma experiência de atendimento psicoterapêutico ocorrida durante o contexto da pandemia de Covid-19 e toma como eixo norteador o conceito de transferência. Apresentam-se os efeitos da formação ocorrida a partir de um projeto de extensão voltado ao trabalho clínico com crianças e adolescentes envolvidos em situações de violência doméstica.

Palavras-chave: Atendimento psicoterapêutico. Transferência. Violência doméstica. Infância e adolescência. Pandemia de Covid-19.

Abstract

The present experience report aims to bring a discussion about an experience of psychotherapeutic care that occurred during the context of the Covid-19 pandemic, and takes the concept of transference as its guiding axis. The effects of training that took place from an extension project aimed at clinical work with children and adolescents involved in situations of domestic violence are presented.

Keywords: Psychotherapeutic care. Transference. Domestic violence. Childhood and adolescence. Covid-19 pandemic.

¹ Docente da Universidade Federal Fluminense (UFF) - rapmonteiro2014@gmail.com

² Psicólogo formado pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - lucasguarnierida.nave@gmail.com



1 Introdução

O presente relato de experiência tem como objetivo trazer uma breve discussão sobre uma experiência de atendimento psicoterapêutico ocorrida durante o contexto da pandemia de Covid-19 nos anos 2020 e 2021, destacando as possibilidades e impasses do formato remoto, principalmente no que foi observado como pontos importantes de formação clínica para alunos e psicólogos recém-formados participantes de um projeto de extensão.¹

O projeto Oficina de Palavra - formação em violência doméstica - trata-se de uma ação de extensão vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e teve como objetivo principal oferecer uma experiência de formação clínica e social na temática da violência doméstica com crianças e adolescentes.³

Tal iniciativa ocorreu em parceria com o Núcleo de Atenção à Violência⁴ (NAV), organização da sociedade civil que há mais de 20 anos realiza um trabalho de sensibilização, capacitação de profissionais e atendimento a pessoas envolvidas em situação de violência doméstica.

A experiência de formação no projeto se deu através da possibilidade de atendimentos psicoterapêuticos, participação em reuniões de equipe e supervisão clínica. A ação de extensão teve como eixo principal o atendimento psicoterapêutico a crianças, adolescentes e autores de agressão envolvidos em situação de violência doméstica. O referencial teórico adotado para formação dos alunos na prática clínica foi a psicanálise. Assim, a partir da psicanálise, entende-se que teoria e prática estão

³ Em seus dois anos de realização, o projeto teve como composição de sua equipe seis discentes e psicólogos extensionistas sob coordenação da professora Renata Alves de Paula Monteiro, do Instituto de Psicologia da UFF Niterói. Cada extensionista foi responsável pelo acompanhamento de quatro pacientes, tendo sido acompanhados ao todo 28 situações envolvendo crianças, adolescentes e familiares em situação de violência doméstica.

⁴ Projeto "Oficina de Palavra - Construindo Histórias" financiado pela Petrobras através do programa Petrobras Socioambiental. Este financiamento possibilitou, através da parceria do NAV com o UFF, quatro bolsas de extensão para os extensionistas do projeto Oficina de Palavra - formação em violência doméstica.



intrinsecamente articuladas e só assim se torna possível sua transmissão (LACAN [1964], 1990).

Confirmado para ter seu início em março de 2020, o projeto teve - como todo o planeta - a ocorrência da pandemia de Covid-19, o que impactou diretamente seu início. Com a suspensão das atividades acadêmicas e a necessidade do distanciamento social, o projeto só pôde ter início em outubro de 2020 em formato remoto, com o uso de recursos tecnológicos e plataformas de reunião, como Zoom® e Google Meet® para a realização de reuniões de equipe, supervisão e grupo de estudo.

Ferramentas foram incorporadas para o atendimento ao público do projeto neste novo formato e novo *setting*: tela do computador, tela do celular, conversa via telefone ou até mesmo troca de mensagens via aplicativo de mensagens instantâneas Whatsapp®, sem abrir mão de princípios orientadores da clínica. Assim, o projeto se lançou à essa aventura do atendimento em formato remoto forjado pela impossibilidade do presencial.

Diante deste cenário, algumas questões desafiadoras acompanharam a realização do projeto: como manter uma escuta ética sem a possibilidade de um *setting*, um espaço que favoreça e garanta a privacidade e o sigilo necessários? Como sustentar um vínculo e um laço, condição necessária para o trabalho, sem o suporte do contato presencial?

A discussão proposta aqui se dá a partir de um recorte de atendimento psicoterapêutico realizado por um extensionista e tem como eixo norteador o trabalho realizado a partir do conceito de transferência, tomando-o como mola mestra de um tratamento orientado pela psicanálise.

2 Considerações sobre a transferência e o atendimento remoto

A transferência pode ser considerada como um dos conceitos principais da obra freudiana e um dos motores da clínica psicanalítica. Mencionada pela primeira vez em 1895 por Sigmund Freud, no seu texto "A Psicoterapia da Histeria" (1893-1895),



o autor a definiu como uma “falsa ligação” que o paciente teria para com a pessoa do terapeuta. Porém, foi somente no texto “A interpretação dos sonhos” (1900) em que Freud utiliza o termo “transferência” pela primeira vez e a define como “[...] o processo de transferir a um objeto contemporâneo sentimentos que originalmente se aplicavam, e ainda se aplicam inconscientemente, a um objeto infantil” (FREUD, [1900] 1977, p. 599).

Portanto, pode-se compreender a transferência como uma ligação singular e complexa estabelecida pelas fantasias e desejos do paciente, que são renovadas e revividas “não como pertencentes ao passado, mas aplicadas à pessoa do médico no momento presente.” (FREUD, [1905] 1977, p. 113)

Jacques Lacan também introduziu conceitos importantes à noção da transferência, um deles sendo o do sujeito suposto saber. No Seminário 8: “A Transferência”, Lacan define o sujeito suposto saber como a forma que o paciente aborda o analista: “um homem, o psicanalista, de quem se vem buscar a ciência daquilo que se tem de mais íntimo [...]” (LACAN, [1960-1961] 1992, p. 70-71). O sujeito suposto saber seria, portanto, a forma como o paciente, de saída, supõe no analista um saber sobre si mesmo. Esta relação particular estabelecida pelo sujeito com o analista coloca logo no início da terapia uma relação ímpar que abre caminho para o estabelecimento da transferência.

Porém, é importante ressaltar o fato de que tais ponderações e conceitualizações acerca do conceito da transferência foram realizadas dentro de um contexto psicoterapêutico “padrão”, no qual há um divã, uma sala e a presença física tanto do paciente quanto do analista. Dessa forma, quando a lógica do atendimento remoto se coloca como fator imprescindível para o tratamento, questiona-se se ainda pode-se falar de transferência.

Para explicitar e discutir as possibilidades de articulação com o conceito de transferência e o atendimento remoto, faz-se uso do relato de um caso clínico acompanhado por um extensionista durante o projeto. O caso refere-se a uma paciente de sete anos que foi acompanhada durante 15 meses através de atendimentos remotos



a partir do uso do celular do extensionista e do responsável pela paciente, com duração média de 50 minutos por atendimento, que ocorriam uma vez por semana.

A paciente, durante o acompanhamento, encontrava-se majoritariamente em sua residência e várias interrupções ocorreram, fato que atrapalhou ou até mesmo inviabilizou alguns encontros diante de contingências oriundas do formato remoto.

2.1 Caso clínico

Núbia⁵, uma paciente de sete anos, foi encaminhada ao projeto pelo Conselho Tutelar. De acordo com os relatos, comete atos de desobediência e destruição de itens na casa onde vive. A paciente também tem comportamentos de jogar fora certos objetos, como cartões de crédito, remédios, brinquedos, entre outros, ou misturar elementos que não “devem” estar misturados, como por exemplo sabão em pó e farinha, ou suco com água sanitária.

A paciente tinha o histórico de ter vivido uma situação de negligência até os cinco anos, quando esteve sob os cuidados da mãe, usuária de álcool e drogas. Tal período se demonstrou muito traumático para a paciente, com relatos de abusos físicos e sexuais sofridos, e grande precariedade em que viveu até ser “resgatada” por uma tia-avó que passou a ter seu cuidado integral.

Desde o começo do acompanhamento, o extensionista e Núbia conversam sobre os seus rompantes em que quebra coisas ou as joga fora. Tais comportamentos, de acordo com os responsáveis, teriam surgido sem motivo aparente e era um mistério como lidar com eles. A situação causava tanta angústia que havia a possibilidade iminente de que a paciente fosse devolvida à sua mãe. Os responsáveis relataram dificuldade em abordar os motivos com a paciente, que ficava em silêncio quando questionada, o que lhes causava desconforto. Diversos métodos foram utilizados pelos responsáveis no intuito de aliviar a angústia e sobrecarga causada pelos

⁵ Nome fictício.



comportamentos da paciente, que envolviam desde ficar distante sob os cuidados da avó à vigilância vinte e quatro horas por dia.

O extensionista pergunta à Núbia sobre os seus comportamentos e pede que lhe diga o que havia ocorrido. Tal movimento tinha como objetivo fazê-la falar sobre o que sentia ou pensava durante tais situações, valorizando a sua palavra e, no primeiro momento, o seu silêncio – que também pode ser compreendido como uma fala.

Apesar do inerente desconforto de tal ato, muitas vezes o extensionista mantinha o silêncio com a paciente, respeitando a sua dificuldade e oferecendo lugar para o que não podia, ainda, ser elaborado em palavras. Aos poucos, o que de início aparecia completamente sem palavras, foi tomando forma e ganhando significantes que circulavam a questão do amor e ódio.

Ribeiro afirma: “A voz, apresentando-se também como silêncio, é a parte do corpo do analista que se põe em jogo para a produção de um enunciado, que por sua vez, apaga a voz” (2020, p. 59-60). Em outras palavras, a dimensão da escuta psicanalítica vai além do ouvir o som daquele que fala, permitindo a escuta de um enunciado presente também no silêncio e que produz algo para além da voz: um enunciado.

Após estes primeiros momentos de silêncio, significantes começaram a fazer parte das sessões, e sentimentos e situações, antes sem palavras, começaram a ganhar corpo.

O primeiro significativo a se fazer presente nas sessões foi o do amor que apareceu em uma sessão na qual Núbia estava chateada por ter jogado fora um objeto de valor para o seu cuidador. A paciente então afirmou que “não tinha amor e era triste” , portanto fazia essas coisas. O extensionista recebeu tal declaração e lhe disse que não acreditava que ela era triste, mas sim que ela estava triste.

Os efeitos deste primeiro aparecimento do significativo amor permitiram que, posteriormente, ele aparecesse em sua negativa: o ódio. Nubia que até então não



conseguia dizer sobre suas emoções nos momentos em que cometia os atos de desobediência, começou a falar e introduzir algo novo: a raiva que sentia.

Através desse sentimento de ódio, Núbia começou a falar sobre a sua história de negligência sofrida quando sob os cuidados da mãe biológica e de que lembrava dela quando se encontrava em momentos de raiva. A sua história com a mãe pôde aparecer e um novo contorno foi dado para o que antes aparecia sem palavras.

Os dois significantes, então, passaram a aparecer juntos, quando a paciente pôde afirmar que sentia amor e raiva pela sua mãe. Núbia relatava o quanto era difícil sentir essas duas coisas ao mesmo tempo, como se elas não “devessem” estar juntas – semelhante aos itens da casa que a paciente misturava.

No texto “A dinâmica da transferência”, Freud ([1912] 1977) atribuiu a característica de ambivalência à transferência, admitindo que esta pode aparecer em duas faces: a positiva e a negativa. Enquanto a primeira se manifesta na forma de sentimentos afetuosos e tenros, a segunda é percebida na forma de sentimentos hostis e de destruição direcionados à imagem do analista.

Um novo elemento surge no atendimento. Núbia passa a dizer ao extensionista ao final das sessões que o amava: “Tchau, eu te amo!”. Nas brincadeiras, surgiram situações nas quais o terapeuta seria o príncipe que salvaria a princesa, imersa em uma maldição que foi lançada por uma bruxa, que a odiava. Após a quebra da maldição, príncipe e princesa dançavam em um baile, comemorando e concretizando a realização.

O que antes aparecia como significantes e palavras, passou a se manifestar na brincadeira durante os atendimentos. Assim, Núbia estava, em sessão, experienciando os sentimentos que passou a endereçar ao extensionista. Através dessa elaboração e experiência do amor e do ódio, a paciente fez um novo movimento, no qual o amor inicialmente dirigido ao extensionista pôde tomar outro caminho. Eventualmente, em uma sessão após o aparecimento do amor por meio das despedidas e das brincadeiras, a paciente então disse ter aprendido “amar a si mesma”.



O caminho trilhado pelo amor, nesse caso, se deu posteriormente a toda a elaboração feita pela paciente sobre seus sentimentos conflitantes e o quanto estes estavam presentes nos seus comportamentos. Primeiro, apareceu a falta de amor e a presença da raiva. Conforme tais significantes puderam se agarrar a lugares antes sem nenhuma palavra, a história da paciente começou a aparecer com mais detalhes e seus atos passaram a ter algum significado.

A partir do movimento feito pela paciente de nomear os seus sentimentos e os motivos pelos quais apresentava determinados comportamentos, estes começaram a reduzir em quantidade e qualidade, tornando-se cada vez mais espaçados e “menos graves”, envolvendo situações que os responsáveis definiam como “coisa normal de criança”.

O estabelecimento e, principalmente, o manejo da transferência permitiu elaborações e, com elas, a paciente conseguiu se apropriar de seus sintomas e sua história, e lidar de forma diferente com suas questões e seus comportamentos.

Na medida em que é só pela via da transferência que o sujeito pode aceder ao saber do inconsciente, é só por meio desta que o sujeito pode vir a saber a que elementos significantes do inconsciente ele se encontra assujeitado. No caso de Núbia, o amor e o ódio, significantes de sua história que ao serem experienciados na relação com o extensionista, puderam ganhar outro destino.

Como manejo do material manifesto na transferência, foi possível convidar o que até então se apresentava como compulsão à repetição a tomar o destino de ser recordado, historicizado.

O espaço de atendimento no projeto permitiu o estabelecimento de uma relação de confiança e de transferência, a partir da qual a paciente pôde atravessar o caminho do silêncio em direção ao caminho da palavra, conforme percebia que suas falas tinham valor e eram escutadas. A partir dessa construção, o seu sintoma e o seu trauma vivido passaram a ter sentido, podendo ser lembrado pela paciente e articulado com o momento presente. Após o período de 15 meses de acompanhamento, os sintomas e o comportamento de Núbia não mais ocorriam com



a mesma intensidade ou constância e foram ressignificados, principalmente pela paciente, mas também pelos seus responsáveis que passaram a responder de maneira diferente aos comportamentos de Núbia, tomando uma posição de cuidado e acolhimento com esta. Diante destas mudanças e também com o fim do projeto, foi tomada a decisão de encerramento do acompanhamento de Núbia.

3 Considerações finais

De acordo com Freud ([1919] 1996), é na infância que a sexualidade é despertada e esta tem papel fundamental no desenvolvimento psíquico do sujeito. Quando uma situação de violência de caráter traumático ocorre ainda neste período, a maneira que esta é ou não elaborada pela criança tem consequências para sua organização psíquica.

O objetivo do projeto foi oferecer um espaço no qual os sujeitos pudessem se apropriar do que lhes aconteceu através da palavra. No caso aqui relatado, percebe-se o quanto a valorização da palavra e do silêncio tiveram efeito para a paciente que estabeleceu uma relação de confiança com o extensionista. Esta relação, compreendida como uma relação de transferência, permitiu ao sujeito que desse palavras aos seus atos, através do caminho trilhado pelos significantes “amor” e “ódio” durante o atendimento. Essa elaboração sobre suas dores, inseguranças, dificuldades e traumas a permitiu ressignificar os seus comportamentos e as marcas que sua experiência deixou.

Através da escuta psicanalítica, suportada pela transferência, a paciente conseguiu percorrer um caminho simbólico - através do amor e do ódio - que ofereceu significado para seus atos antes taxados como sem sentido e sem palavras. A partir daí, pôde se apropriar de seus próprios comportamentos e ressignificar a sua experiência traumática de forma que fosse possível seguir em frente, se identificando com outros significantes além do da violência.



É inegável que o atendimento remoto, como consequência da pandemia, se mostrou uma contingência inevitável para o trabalho e impôs limites e potências, o que fez com que toda a experiência fosse reconhecida e avaliada por uma perspectiva diferente.

Diante disto, foi necessário a reinvenção da clínica. Apesar desta contingência significativa e das dificuldades, necessidade de ajuda para o paciente utilizar o dispositivo, problemas de conexão, interrupções durante o atendimento, falta de privacidade, entre outros, o trabalho foi possível e, de forma surpreendente, o formato remoto, em algumas situações, tornou possível abordagens e interações que antes não seriam viáveis.

No caso relatado, apesar da distância física entre extensionista e paciente, percebe-se a força da transferência. Lacan localiza a posição do analista como sujeito suposto saber como pilar da transferência e afirma que “[...] desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber, ... – há transferência” (LACAN, [1964], 1990, p.220).

Compreendendo a transferência como “um fenômeno essencial, ligado ao desejo como um fenômeno nodal do ser humano” (LACAN, [1964], 1990, p. 219), aliada ao desejo e posição do analista, valorizando a palavra do sujeito, a nossa aposta é de que, mesmo em uma lógica de atendimento remoto, a transferência tenha chão suficiente para deslizar pelo campo significante e se estabelecer. E, se há transferência, podemos atuar.

Referências

FREUD, S. A psicoterapia da histeria . In: _____ (FREUD, S.?). **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 311-367.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). Rio de Janeiro: Imago, 1977. (

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905 [1901]). In: _____ (FREUD, S.?). **Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 1-119.



FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: _____ (FREUD, S.?). **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 111-119.

FREUD, S. **Uma criança é espancada** - Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **O seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. (Campo Freudiano no Brasil).

RIBEIRO, M. M. C.; *Análise on-line!* Considerações sobre a transferência. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 54, p. 57-64, dez. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372020000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.